

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

VAGNER CARVALHO GUIMARÃES JUNIOR

**CONSIDERAÇÕES SOBRE AUTISMO E DESENVOLVIMENTO
SOCIAL: AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

**VOLTA REDONDA
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE AUTISMO E DESENVOLVIMENTO
SOCIAL: AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Artigo apresentado ao Curso de Educação Física do UniFOA como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aluno: Vagner Carvalho Guimarães Junior

Orientador: Prof. Me. Érik Imil Viana Farani

**VOLTA REDONDA
2020**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Vagner Carvalho Guimarães Junior

Considerações Sobre Autismo e Desenvolvimento Social: Aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II

Orientador: Prof. Me. Érik Imil Viana Farani

Banca Examinadora:

Orientador Prof. Me. Érik Imil Viana Farani

Prof. Me. Cássio Martins

Prof. Me. Daniel Alves Ferreira Junior

RESUMO

Os estudos e discussões sobre o Transtorno de Espectro Autista (TEA) nos espaços das diferentes instituições de ensino em nosso país vêm se tornando cada vez mais frequentes e da mesma forma preocupantes, principalmente quando levamos em consideração as questões referentes ao desenvolvimento social dos inúmeros atores que dividem o espaço escolar. É notório a compreensão de uma boa parte da população sobre a importância da inclusão de tais alunos nos espaços escolares, embora na prática perceba-se uma enorme distância e dificuldade na participação dos alunos com TEA em atividades e nas relações que se exteriorizam no espaço estudado, principalmente quando falamos das aulas de Educação Física (EF), pois é comum o barulho, o contato físico, o olhar direcionado ao outro, a modificação de padrões de deslocamento em espaços físicos, etc.... O presente artigo busca discutir o desenvolvimento social das crianças com TEA que estudam na primeira metade do ensino fundamental II através de suas características, dos conteúdos estudados pelas mesmas, das indicações legais, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) e também levando em consideração autores como Kanner (1943); Stelzer (2010); Rogers, Dawson e Vismara (2012); Locatelli e Santos (2016); Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019); Volkmar, Wiesner (2019). Então ao buscarmos discutir o desenvolvimento social dessas crianças apresentamos como objetivo geral tratar da problemática existente entre o processo de ensino-aprendizagem e inclusão de alunos com TEA nas escolas de ensino regular. Quanto ao objetivo específico, identificar possíveis estratégias para o crescimento e desenvolvimento social de alunos com TEA nas aulas de EF na primeira metade do ensino fundamental II. Portanto, utilizaremos o estudo do tipo transversal de cunho descritivo e abordagem qualitativa, pelo qual serão desenvolvidos conceitos e ideias através da pesquisa de revisão da literatura narrativa. Apontamos em nossas considerações finais a necessidade de entendimento por parte dos professores, sobre a importância do conhecimento das necessidades individuais de alunos com TEA e ainda a carência de material humano mais qualificado e interessado para trabalhar nas regências junto aos alunos com TEA.

Palavras-chave: Desenvolvimento Social. Educação Física. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Studies and discussions about Autistic Spectrum Disorder (ASD) in the spaces of the different educational institutions in our country are becoming more and more frequent and equally worrying, especially when we take into account the issues related to the social development of the countless actors who divide the school space. The understanding of a good part of the population on the importance of including such students in school spaces is notorious, although in practice there is an enormous distance and difficulty in the participation of students with ASD in activities and in the relationships that are externalized in the study space, especially when we talk about Physical Education (PE) class, because of noise, physical contact, looking towards the other, changing patterns of displacement in physical spaces, etc. are common. This article seeks to discuss the social development of children with ASD who study in the first half of elementary school II through its characteristics, the contents studied by them, the legal indications, the National Common Curricular Base (BNCC) (2017) and also taking into account authors such as Kanner (1943); Stelzer (2010); Rogers, Dawson and Vismara (2012); Locatelli and Santos (2016); Scientific Department of Pediatrics of Development and Behavior (2019); Volkmar, Wiesner (2019). Then when we seek to discuss the social development of these children, we present as a general objective to address the problem that exists between the teaching-learning process and the inclusion of students with ASD in mainstream schools. As for the specific objective, identify possible strategies for the growth and social development of students with ASD in PE classes in the first half of elementary school II. Therefore, we are going to use a cross-sectional study of a descriptive nature and qualitative approach, through which concepts and ideas will be developed through bibliographic research with national literature review. We point out in our final considerations the need for teachers to understand the importance of knowing the individual needs of students with ASD and also the lack of more qualified and interested human material to work in the departments with students with ASD.

Key – Words: Social development. Physical Education. Autistic Spectrum Disorder.

I – INTRODUÇÃO

É notório o aumento dos debates gerados sobre a inclusão de alunos autistas nas escolas de ensino regular, não obstante possamos notar uma preocupação de ordem mundial através de eventos específicos comandados principalmente pela Organização das Nações Unidas (ONU), muitos são os problemas enfrentados por crianças autistas, famílias, direção, coordenação, professores, crianças típicas e outros que fazem parte da comunidade escolar.

A discussão sobre pessoas com deficiência entra em evidência principalmente a partir da Conferência mundial de educação especial realizada na Espanha em 1994, culminando com a Declaração de Salamanca, Convenção da ONU sobre direitos para pessoa com deficiência de 2006.

No Brasil tal discussão acaba se tornando possível a partir de 2008, com a ratificação em ementa constitucional baseada na Convenção sobre Direitos para Pessoa com Deficiência de 2006, dirigida pela ONU.

É comum ouvirmos relatos sobre a dificuldade de entrada e de manutenção de alunos autistas nas escolas regulares. Em um primeiro momento, acreditamos que o problema possa ser discutido sobre as questões organizacionais dos educandários e de conhecimento específico sobre métodos e técnicas que possam ser utilizadas na rotina escolar para alunos autistas.

Sendo assim o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma desordem no desenvolvimento neurológico, caracterizado por problemas de comunicação e interação social e ainda pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos (Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, 2019).

Acreditamos que o assunto seja relevante devido à probabilidade de um alto número de crianças em idade escolares não matriculadas no ensino regular. Buscando dados no portal da Agência Brasil (2019), encontramos uma estimativa de aproximadamente 70 milhões de autistas em todo mundo, sendo 2 milhões só no Brasil. Em um levantamento feito pelo portal de notícias G1

(2018), baseado no Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do mesmo ano, o número de alunos com TEA matriculados nas instituições de ensino regular em nosso país era de 105.842 pessoas (INEP apud G1, 2018).

Ainda de acordo com o portal Agência Senado (2019), o Brasil não apresenta dados oficiais de pessoas com TEA, portanto, não temos como dimensionar suas realidades socioeconômicas, isso dificulta sobremaneira a criação de políticas públicas voltadas para indivíduos em tal condição.

Então como ministrar aulas para crianças com TEA nas regências de EF na primeira metade do ensino fundamental II?

Tendo em vista todos os desafios encontrados pelos alunos que apresentam TEA e pelos profissionais da educação em lidar com essas dificuldades, a presente pesquisa tem como objetivo geral tratar da problemática existente entre o processo de ensino-aprendizagem e inclusão de alunos com TEA nas escolas de ensino regular. Quanto ao objetivo específico identificar possíveis estratégias para o crescimento e desenvolvimento social de alunos com TEA nas aulas de EF na primeira metade do ensino fundamental II.

Utilizaremos como referenciais teóricos autores como Kanner (1943); Stelzer (2010); Rogers, Dawson e Vismara (2012); Locatelli e Santos (2016); BNCC, (2017); Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019); Volkmar, Wiesner (2019), dentre outros que discutem o tema em questão. Quanto à metodologia empregada, utilizamos o estudo do tipo transversal de cunho descritivo e abordagem qualitativa, pelo qual serão desenvolvidos conceitos e ideias através da pesquisa revisão de literatura narrativa.

II – CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

A BNCC enfatiza a importância da socialização e do respeito às diversidades nas competências gerais da educação básica, preconiza que é necessário “Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (BNCC, 2017, p.9)

Ao pontuar os detalhes da fase estudada, enfatizamos que as crianças acometidas por TEA, além de apresentar características gerais inerentes ao transtorno, apresentam também suas particularidades relacionadas ao espectro. Assim, guardado as devidas proporções, se pensarmos que estudantes típicos em diferentes momentos necessitam de planejamentos e métodos de aprendizagem individualizados, podemos refletir sobre a importância de adoção desta mesma prática ao trato pedagógico do aluno autista.

Para Carvalho (2009), a adequação dos currículos para todos os discentes não é tarefa simples, principalmente para aqueles docentes que trabalham com alunos que apresentam necessidades educacionais. Contudo, é um comprometimento que demanda empenho e dedicação, não se tratando apenas de pensar nos alunos com necessidades educacionais especiais e que estejam nas classes regulares, e sim, na modificação de um panorama que deva contemplar a todos de forma geral.

O ensino fundamental tem atualmente 9 anos de duração e atende alunos dos 6 aos 14 anos de idade, essa é a etapa mais longa da educação básica, portanto, é dividida em anos iniciais e anos finais, estando os 6^o e os 7^o anos enquadrados na primeira metade dos anos finais. O ensino fundamental também é dividido em 5 áreas de conhecimento, sendo essas: Linguagens,

Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso. A Educação Física (EF) enquadra-se na área de Linguagens (BNCC, 2017).

Levando em consideração a importância na formação e no desenvolvimento total dos verdadeiros seres humanos, podemos citar que já na antiga Lei de Diretrizes e Bases (LDB) destacava-se a atenção referente às chamadas questões sociais.

Portanto, já na LDB éramos chamados à atenção para necessidade do desenvolvimento dos indivíduos a partir do entendimento, discussão e direcionamento crítico sobre as questões sociais no ensino fundamental, cujo segundo parágrafo do artigo 32^odenotaque: “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (LDB, 1996, p.23)”.

Concordamos e reforçamos que a etapa estudada apresenta uma característica e ao mesmo tempo uma necessidade de ampliação dos vínculos sociais e afetivos, assim busca-se a estimulação dos alunos objetivando as análises do contexto em que vivem(BNCC, 2017).

Sendo assim, entendemos que a EF pode e deve assumir um importante papel nesse cenário: o de utilizar e propor facilitação dos conteúdos trabalhados nos distintos períodos.

No que tange aos 6^o e aos7^o anos, que são os períodos objetivados em nossa pesquisa, os professores deverão trabalhar unidades temáticas como brincadeiras e jogos, que se materializarão nas aulas através dos objetos do conhecimento, podendo ser identificados como jogos eletrônicos, os esportes (de marca, de precisão, de invasão e técnico-combinatório), a ginástica (condicionamento físico), as danças (danças urbanas), as lutas do Brasil e, por fim, as práticas corporais de aventuras urbanas (BNCC, 2017).

Pensando em possíveis adequações que poderiam ser realizadas, Cunha (2014) aponta que adaptações curriculares juntamente com outros ajustes e modificações promovidas com base nas diferentes exigências do currículo, devem responder às necessidades individuais de nossos educandos, favorecendo assim, as condições que lhes são indispensáveis para que se

realize uma aprendizagem verdadeira, expressiva e, mais do que isso, significativa.

III - CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Para Volkmar e Wiesner (2019, p.1), os autistas sofrem de “transtornos que compartilham déficits significativos na interação social”, entendendo que por características particulares a EF, enquanto matéria, comumente fortalece a ideia do trabalho coletivo e interações entre os diferentes alunos. Acreditamos que essa disciplina poderá colaborar de forma muito significativa para o crescimento social e interacional desse aluno.

O aluno diagnosticado com TEA com dificuldades como as descritas por Stelzer (2010, p.5) “comprometimento do relacionamento social, por repertório repetitivo e estereotipado de comportamentos, por dificuldades de linguagem e por insistência em determinadas rotinas não funcionais” necessita de um cuidado especial, nesse ponto a EF pode trazer a esse aluno novas formas de melhorar seu convívio com seus colegas.

Segundo Rogers, Dawson e Vismara (2012) diversas crianças demonstram não conhecer a comunicação que ocorre entre duas pessoas e isso causa um desinteresse em interagir, dessa maneira, elas não têm foco na mensagem que está sendo transmitida e também não conseguem demonstrar o que querem, criando uma barreira para um avanço na relação entre o aluno e o professor.

Na década de 40, experimentos baseados em observações psiquiátricas já demonstravam dificuldades de interação social como uma característica eminente do indivíduo com TEA. Autores como Kanner, registraram casos de crianças internadas apresentando comportamentos de isolamento em relação aos seus pares (KANNER 1943 apud VOLKMAR e WIESNER, 2019). Podemos então fortalecer a ideia de que os trabalhos da EF podem servir de estímulos para uma melhor participação e aceitação desses alunos em conjunto com seus colegas de turma.

Pontuamos algo que é reconhecidamente comum nas aulas de EF: o barulho e as diferentes movimentações que se manifestam nos espaços, sabemos que tais condições são desfavoráveis para o aluno diagnosticado com TEA, podendo trazer certo incômodo, como mencionado por Locatelli e Santos (2016,p.206). “o olhar dos outros, os sons, os movimentos e o “falatório” provocam um “curto circuito” que às vezes deixam essas crianças inseguras e desorientadas”. Esse certamente é mais um desafio para o profissional de EF a ser superado na inclusão. Ao refletir sobre estratégias já utilizadas na área, apontamos como possível a mescla e monitoramento de situações com maior ou menor intensidade, de acordo com as características das atividades e dos alunos naquele determinado dia.

A diversificação de atividades tem um papel importante na adaptação do aluno com TEA em novas rotinas, visto que uma de suas características importantes é a necessidade de manter hábitos específicos, Volmar e Wisner (2019) apontam que crianças autistas têm a necessidade de seguir um mesmo caminho para um determinado lugar que utiliza com frequência e que por outro lado o desvio desse caminho causa uma certa perturbação nessas crianças. Portanto, deve-se propor sempre que possível uma modificação nos padrões de direção relacionados aos espaços físicos, essa adaptação é importante para que o aluno acompanhe seus colegas em novas atividades propostas e assim possa realizá-las de forma conjunta.

Feitas todas essas observações, podemos dizer que o professor de EF tem em mãos um grande desafio, pois precisa decidir como irá adaptar sua aula de forma que toda a turma absorva o conteúdo e que de fato promova a inclusão para que esses alunos autistas realizem as atividades com a turma, mesmo com todas as suas limitações de interação social já mencionadas anteriormente, trazendo assim aprendizado para todos os alunos de forma ampla, sem que seja obrigado a optar pela turma ou por um aluno com essas necessidades.

É importante que o professor busque por estratégias que contemplem toda a turma sem agir de forma excludente, trabalhando todo o conteúdo proposto, buscando assim o desenvolvimento integral da turma de acordo com as individualidades de cada um, alcançando assim uma inclusão mais eficaz,

mas para que isso ocorra é importante que o professor tenha em mente que seu planejamento e objetivos deverão ser diversificados e elaborados com especificidades.

IV - PROPOSTA DE TRABALHO DA EF PARA O TEA COM FOCO NA BNCC

Concordamos com Fellipe; Judith, (2010 apud Ferreira, 2017) sobre o fato de que as aulas de EF exercem um papel fundamental para que os alunos tenham um bom desenvolvimento afetivo e social e assim possa potencializar seu desempenho escolar, mas nos parece que quando falamos de alunos com necessidades especiais, esse papel passa a ser ainda mais enfático, visto que esse aluno depende de uma adaptação da aula regular para que seu desenvolvimento possa atingir os objetivos estabelecidos.

Partindo dos conteúdos propostos pela BNCC, o período estudado tem como foco o trabalho prático em cada unidade temática, cabendo assim ao professor uma maior atenção à interação social desses alunos em sua aula.

Lembrando que “É indispensável que o professor tenha o conhecimento sobre a deficiência e particularidades do aluno com o qual ele irá trabalhar em sala de aula, pois o sucesso do desenvolvimento do autista dependerá bastante do conhecimento do professor” (SILVA, 2013 apud FERREIRA, 2017, p. 15)

Para Ferreira (2017), é de extrema importância que o professor tenha conhecimento das características do espectro e encontre formas de unir as crianças em suas aulas, levando em consideração uma das características mais acentuadas do autismo, que é a dificuldade na socialização, buscando com que elas interajam de forma instintiva, sem a necessidade de intervenção, para que seja natural. Diante desse contexto, o professor deve estar sempre atualizado, dominando e aplicando o método necessário ao momento, visando não atrasar o desenvolvimento de seus alunos autistas.

Para Rogers, Dawson e Vismara (2012), a comunicação não verbal é algo importante a ser trabalhado com o autista, pois além de estimular e proporcionar uma forma de comunicação reconhecida como essencial para todos os seres humanos, diversos pesquisadores apontam-na como base para o desenvolvimento da fala. Portanto, atividades voltadas à expressão corporal

podem ser bem absorvidas por esses alunos e bem aproveitadas pelo professor para melhorar a socialização.

Segundo Volkmar e Wisner (2019), existem várias abordagens para lidar com os problemas comportamentais, uma delas é não estar atento somente aos comportamentos passíveis de repreensão, mas também elogiar sempre que o comportamento desejado for realizado. Dessa forma, nas aulas de EF o professor precisa reconhecer cada interação do aluno com os colegas, demonstrando a positividade do ato. Ainda propondo métodos para melhorar os problemas comportamentais, os autores op cit. ressaltam que quando queremos reduzir ou eliminar um determinado comportamento, devemos estimular que essa criança substitua-o por outro comportamento desejado, propondo até uma melhor maneira de comunicação, para que a criança consiga expor o seu incômodo, como exemplo a utilização de figuras.

Maranhão (2012),relata que essas crianças não se sentem a vontade quando realizam atividades físicas, dessa forma apresentam dificuldades para praticar atividades em grupo, o que prejudica estabelecer relações com colegas de classe. Por esse motivo, elas apresentam dificuldade em participar de jogos e brincadeiras em grupo e de se expressar.

Em suma, é de extrema importância que o professor busque conhecer seu aluno, a deficiência que ele apresenta, e proponha objetivos respeitando suas individualidades. A EF apresenta algumas especificidades que devem ser levadas em consideração pelo docente ao planejar e desenvolver, possuindo assim um olhar diferenciado, principalmente para as características do autismo, como mudança de ambiente e rotina, dificuldade de socialização, agitação e barulhos acentuados.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme tratado no artigo, ainda necessitamos de mais estudos nessa área, haja vista que existe uma enorme lacuna sob o ponto de vista da preocupação existente para as ações atuais. Houve dificuldades até para encontrar estudos de referência que pudessem servir de base teórica em nossa análise, o que reafirma a relevância e preocupação com o tema abordado.

Inicialmente, podemos apontar a falta de material humano qualificado e interessado para o trabalho com crianças, dentre elas as com TEA, parece que uma grande parte dos docentes e dos cidadãos comuns ainda preferem ignorar o fato de que lugar de criança, e falamos de todo tipo de criança, independente de cor, raça, religião, condição socioeconômica, e condição de saúde, salvo raríssimas exceções, é na escola.

Pelo lado da socialização, onde iremos conseguir explorar tal ação com cunho pedagógico se não utilizarmos o ambiente escolar? As experiências com outras crianças devem ser levadas em consideração principalmente na faixa etária que foi debatida em nosso estudo. As diferentes experiências trabalhadas nas aulas de EF poderão servir como modificadoras adaptações no que tange ao conhecimento sócio afetivo para esse aluno em toda sua vida.

Apontamos a necessidade da sensibilização por parte de professores de diferentes áreas, pedagogos, pesquisadores da área de saúde e da pedagogia para discutirem mais sobre o tema TEA, visto que esses seres humanos e suas famílias se apresentam em uma situação extremamente difícil, frágeis e por vezes constringedoras.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Censos demográficos terão dados sobre autismo.** Portal Senado notícias, 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/04/23/censos-demograficos-terao-dados-sobre-autismo>>. Acesso em: 30/08/2020.

_____. **Bolsonaro anuncia inclusão de autistas no Censo 2020.** Portal Agência Brasil, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-07/bolsonaro-anuncia-inclusao-de-autistas-no-censo-2020#:~:text=A%20estimativa%20%C3%A9%20que%20existam,autismo%20no%20Censo%20do%20IBGE18/07/2019>>. Acesso em: 27/08/2020.

_____. **Número de alunos com autismo em escolas comuns cresce 37% em um ano; aprendizagem ainda é desafio.** Portal G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/02/numero-de-alunos-com-autismo-em-escolas-comuns-cresce-37percent-em-um-ano-aprendizagem-ainda-e-desafio.ghtml>>. Acesso em: 10/08/2020.

_____. **Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base.** Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-linguagens>>. Acesso em: 17/09/2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 07/09/2020.

CARVALHO, R.E. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem- Educação Inclusiva.** 8.ed, São Paulo: Saraiva, 2009.

CUNHA, Antonio Eugênio. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

FERREIRA, Natalia Maria Madureira. **A Inclusão de Crianças Autistas nas Aulas de Educação Física Escolar no Ensino Regular.** Centro Universitário de Brasília, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13103/1/21450762.pdf>>. Acesso em: 14/10/2020.

FONSECA, V. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor.** 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

LOCATELLI, P. B.; SANTOS, M. F. R. **AUTISMO: Propostas de Intervenção.** Psicologia, UNIFSJ, 2016. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/63/59>>. Acesso em: 17/09/2020.

MARANHÃO, Brenda Salenna da Silva; SOUZA, Moises Simão Santa Rosa de. **Educação Física, Transtorno do Espectro Autístico (TEA) e inclusão escolar: Revisão Bibliográfica.** Universidade do Pará, 2012. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2012.2/BRENDA_MARANHO.pdf>. Acesso em: 22/10/2020.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine; VISMARAR, Laurie A. **Autismo: Compreender e agir em família.** Lisboa: Lidel, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Transtorno do espectro do autismo. Manual de orientação: **Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento.** 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf>. Acesso em: 07/09/2020.

STELZER, F. G. Uma pequena história do autismo. In: **Caderno Pandorga de Autismo.** vol. 1, junho 2010.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L. A. **AUTISMO: GUIA ESSENCIAL PARA COMPREENSÃO E TRATAMENTO**. São Paulo: Artmed, 2019.